



## VISUALIDADES REPRESENTATIVAS: UNINDO EDUCAÇÃO, ARTE E MEMÓRIA NA ELABORAÇÃO DE NOVAS NARRATIVAS SOBRE MULHERES NEGRAS.

ARIADNE SILVEIRA TERRA<sup>1</sup>; CLAUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – ariadnesterra@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Sendo o Rio Grande do Sul considerado um dos estados mais racista do país, por aqui, na cidade de Pelotas, é possível perceber o que Silvio de Almeida (2008) define como “racismo estrutural”, ou seja, um processo político e histórico que divide a sociedade em dominantes e dominados, geralmente vinculado a processos coloniais, com os espaços sociais definidos e mantidos ao longo do tempo. Aqueles que ocupam a posição de subalternidade são mantidos às margens pela classe hegemônica e dominante, permanecendo em constante estado de opressão e exploração. Sobre o assunto, Lélia Gonzalez aponta que: “A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, ciancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta (GONZALEZ, 2020).”

Neste contexto, Pelotas, minha cidade natal, embora seja uma cidade construída com base em sangue escravo, esse ainda é um tema abordado timidamente pela população, mesmo com todos os avanços dos últimos tempos. Pelotas é considerada a cidade mais negra do estado e considero de suma importância refletir sobre o passado escravocrata da cidade que ainda reverbera na contemporaneidade, principalmente, na vida das mulheres.

Os espaços de trabalho para as mulheres pretas, em sua maioria seguem os mesmos, operando como domésticas, faxineiras e babás, ocupações desqualificadas e socialmente desconsideradas, embora a relevância dessas funções para a estruturação social. Geralmente as negras não tem acesso a boas oportunidades no mercado de trabalho e, principalmente, não tem em quem se espelhar. Enquanto as mulheres brancas, mesmo as oriundas de famílias pobres, tem representatividade e consequentemente maior autoestima e coragem para ir contra o sistema machista e chegar no lugar que quiser, as negras, salvo raras exceções, ficam restritas aos exemplos escravocratas de ocupação.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, no viés dos estudos autoetnográficos, pois ela: “(...) responde as questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos



fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995, p. 21-22)."

Neste sentido, será explorado o conceito "escrevivências" da autora Conceição Evaristo (2006), que se refere ao processo de escrever a partir de experiências particulares da autora, dando visibilidade para suas vivências, que também são experiências coletivas de um determinado grupo social, em específico nesta pesquisa, as de mulheres negras. Utilizar o conceito enquanto método para a escrita acadêmica, possibilita a colocação da pesquisadora como cidadã, com direito à fala, rompendo assim com padrões hegemônicos acadêmicos os quais muitas vezes consideram nós, mulheres negras, mais como objetos de estudo do que protagonistas da história.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse sentido, ao perceber essas questões eu decidi ir atrás dessas referências e foi quando, entre tantas outras, encontrei a artista Rosana Paulino, que possui um trabalho de pesquisa, revisita a reescrita da história das mulheres negras latino-americanas, mais precisamente das brasileiras que não possuem o direito à memória. A artista, através de suas obras, questiona e denuncia as inúmeras violências que as mulheres negras veem sofrendo desde a colônia e a forma com que elas ainda repercutem na vida das mulheres pretas contemporâneas.

Ter encontrado Rosana no meio da graduação me fortaleceu enquanto mulher preta que sente a Arte e deseja que outras mulheres como eu se permitam sentir também. Acredito que assim como eu, ela também tenha sido desencorajada a seguir esse caminho, o caminho da Arte que rompe com os estigmas postos para os nossos corpos e nossos futuros. Encontrar a obra, as falas e todos os materiais possíveis dessa artista me serviram com um abraço por ter entendido que assim como eu, ela também não teve referências de mulheres negras, uma vez que a maior parte da produção disponibilizada ao nosso respeito são de homens brancos, como afirma Sueli Carneiro: "O que poderia ser considerado como uma história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, viva no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituída no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (CARNEIRO, 2011, p. 20)"

A primeira obra de Paulino que acabei de ver foi a série *Bastidores* (1997) (Figura 1) e ela é muito cara por dizer tanto sobre todas nós, negras. Tudo nessa obra é potente, Paulino se utiliza de um drama coletivo para, através de materiais pelos quais já tem afeto, elaborar uma obra impregnada de subjetividade e representativa de questões sociais.





Figura 1 - Rosana Paulino, Bastidores, 1997. Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura. 30cm diâmetro.

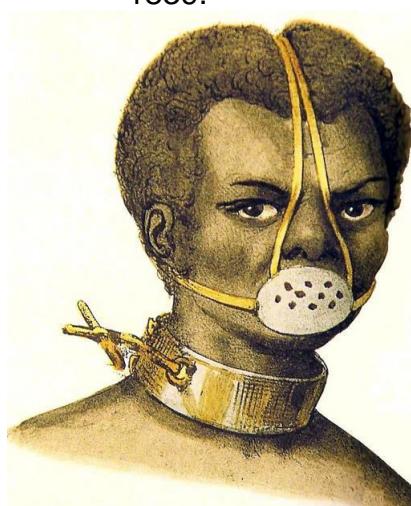
Fonte: <http://www.rosanaPaulino.com.br/>

O título da obra se refere ao suporte em que ela produz o trabalho, um utensílio doméstico comumente utilizado por mulheres. Uma segunda leitura possível é a de que “bastidor”, no cinema ou no teatro, é o lugar do invisível, do que está por traz de tudo que é mostrado em cena, assim como acontece com as mulheres negras. Tenho profunda admiração por este trabalho, que é composto a partir de utensílios domésticos, possibilitando com que haja uma conexão entre a Arte elitizada e os elementos da cultura popular, mais precisamente do artesanato.

Refiro-me, portanto, a práticas artísticas/pedagógicas que possibilitem a construção de um novo imaginário sobre os corpos negros, em especial o das mulheres, demonstrando que os estigmas sobre nossas capacidades foram construídos a partir da diáspora africana. Sendo assim, é necessário, além de narrativas acerca da história pré-escravidão dos africanos, problematizações críticas e reflexivas sobre as questões afro diáspóricas, possibilitando a elaboração de uma reescrita das histórias contadas nas escolas, universidades e através dos meios de comunicação, que acabam colaborando para a manutenção dos estereótipos.

Percebe-se que o uso das imagens evolui junto com a tecnologia humana e servem como uma das diversas camadas do hoje reconhecido como racismo estrutural, neste sentido trago o exemplo da obra “Castigo de Escravo”, litografia de 1839 (Figura 2), do artista Jacques Arago, trabalho que hoje deveria servir apenas como um recurso antropológico, apresentando uma prática de tortura aplicada aos escravos. O que faz com que na ausência de conhecimento sobre a vida das mulheres negras antes da escravidão, acaba por consolidar o imaginário de que os negros são descendentes de escravizados, assim dificultando a ruptura com os padrões sociais aos quais estes foram postos no período colonial.

Figura 2 - Jacques Arago, Castigo de Escravo, Litografia colorida à mão, 1839.



Fonte: <http://www.rosanaPaulino.com.br/>

Se voltarmos a série Bastidores (Figura 1), de Rosana Paulino, é possível perceber algumas semelhanças visuais com a obra de Arago. E se faz necessário uma reflexão sobre o distanciamento temporal, embora ainda existam mulheres em uma situação de extrema violência, silenciamento e violação de direitos civis o que



é denunciado pela obra de Rosana Paulino, que diz: “Desde criança, não me encontrar representada por imagens que, quase sempre, insistiam em colocar os/as negrodescendentes em posição inferior e/ou estereotipada são elementos que chamaram minha atenção. Olhar e não me ver representada nos livros escolares, sempre com seus modelos de família branca e feliz, cabendo aos negros os papéis de serviçais, ver as novelas e anúncios de televisão que em quase todos os casos reservavam aos negros sempre o mesmo tratamento estereotipado são fatores que, sem dúvida, contribuíram para uma atuação artística na qual o viés político se encontra fortemente marcado. (PAULINO, 2011)”.

Assim, com sua obra Paulino denuncia as violências que as mulheres negras sofrem na sociedade brasileira, as quais tiveram sua memória ancestral apagada e construída com base nas imagens feitas por homens como Arago. O artista é uma das muitas pessoas que registraram o período da escravidão e possibilitaram uma narrativa visual acerca da vida social brasileira, que apesar das crescentes transformações, no que diz respeito aos acessos dos negros a espaços que não eram considerados para eles, permanecem. Com a constante manutenção das estruturas do racismo, acabamos por estar sempre em lutas por nossos direitos.

#### 4. CONCLUSÕES

Percebo, enquanto mulher preta, que os nossos direitos são restritos, que nossos corpos não são livres e que, por diversos motivos, nossas condições sociais e culturais são precárias, sendo muitas vezes até mesmo desumanizadas. Considero que através de processos educativos informais no âmbito das artes visuais seja possível dar direito à memória de grandes mulheres do passado e do presente, reelaborando imaginários subjetivos e sociais e construindo novas perspectivas para as crianças, adolescentes e mulheres pretas da cidade de Pelotas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, Edição de: Flavia Rios, Márcia Lima. 2020.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer O Feminismo: A Situação Da Mulher Negra Na América Latina A Partir De Uma Perspectiva De Gênero**. 2011